

RIFKIN, Jeremy. O fim dos empregos. Tradução de Ruth Gabriela Bahar. São Paulo : Makron Books, 1996.

*Frederico Lisbôa Romão**

Esse livro está dividido em cinco partes: introdução; as duas faces da tecnologia; a terceira revolução industrial; o declínio da força de trabalho global e o preço do progresso. Estas cinco partes subdividem-se em dezoito capítulos.

Na introdução, ele explicita que tratará do brutal desemprego e seus efeitos, sobre um mundo praticamente sem trabalhadores. Visa desnudar a "Era da Informação", resultado das inovações tecnológicas, das reestruturações e das forças do mercado sobre o mundo do trabalho.

Iniciando propriamente sua exposição, ele afirma que está a modificar-se a base sobre a qual assenta-se a sociedade moderna. O trabalho deixa de ser elemento unificador. A maioria não terá mais acesso ao mesmo. Na agricultura, indústria e no setor de serviços o desemprego cresce, pondo por terra, tanto a interpretação que acreditava ser o aumento da produtividade, suficiente para gerar mais empregos, como as que viam nos avanços da ciência e da tecnologia a redenção da humanidade.

Para Rifkin, a terceira Revolução Industrial iniciou-se após a 2ª Guerra Mundial, entretanto, só agora vem se fazendo sentir, resultado das reestruturações nas empresas, baseadas no "Kaizen" e "Just in Time", que por sua vez, permite o uso, na totalidade, das "máquinas que pensam": os computadores. Este processo tem provocado, a título de exemplo, a expulsão dos negros do mercado de trabalho nos EUA, país que ele privilegia como posto de observação.

* Frederico Lisbôa Romão é mestre em Ciências Sociais pela UFS.

No campo: a mecanização, a engenharia genética, software específicos e a agricultura de laboratório; na indústria: as tecnologias de processo contínuo e no setor de serviços: os sistemas de reconhecimento de voz, máquinas classificadoras, sistemas de imagens, discos ópticos, além de *fax modem*, celulares, robôs etc. permitem prognósticos de que, em menos de 30 anos, 2% da força de trabalho do mundo, vai produzir para todo o restante.

A crise de desemprego é mundial, atinge EUA, Europa, Ásia, África e América do Sul. De 1989 a 1993, mais de 1,8 milhão de pessoas desempregaram-se. De um lado, maior tecnologia e produtividade em menos tempo, do outro: mais estresse, violência e disparidades salariais; menos empregos e índices sociais. O autor chama atenção para aquilo que pode ser uma saída: o terceiro setor – a economia do não mercado – a economia social.

Na quinta e última parte, ele destaca que está na ordem do dia a redução de jornada e elevação dos salários, compensando a maior produtividade e reduzindo o fosso entre os especialistas do setor do conhecimento e os demais trabalhadores. Reconhece, entretanto, que esta bandeira tem poucos adeptos no empresariado. Rifkin identifica que a globalização tem reduzido o poder das Nações-Estado, em função das mega-corporações. Entendendo que nem o setor público, nem o privado, tem capacidade de possibilitar saída para crise, defende a alternativa da “economia social”.

O terceiro setor é composto por empresas privadas sem fins lucrativos, atuando em serviços sociais tipo: creches, acompanhantes de idosos, hospitais, reconstruções, etc. Este setor aproveitaria o tempo livre das pessoas criados, seja pelo desemprego ou pela redução de jornada. Estas receberiam isenções ou o chamado “salário social”, permitindo-lhes o acesso a condições dignas de vida. Estas organizações têm se mostrado mais eficientes do que os serviços públicos.

Apesar de identificar o crescimento pelo mundo, da economia social via ONGs, defende que, no período de transição, caberia aos governos o financiamento, ao menos em parte, destas organizações. Para o autor, esta é a alternativa ou, do contrário, a “Era da Informação”, ao invés de significar a redenção dos homens frente ao trabalho, será a ante-sala da barbárie.

A forma como o livro está dividido e sua seqüência ao expor os fatos facilitam, sobremaneira, a compreensão do tema. Rifkin expõe de forma clara e didática seus pontos de vista, sempre fundamentado com exemplos e riqueza de dados.

Concordamos com o autor quando ele afirma que estamos deixando a sociedade do trabalho; o setor de serviços não absorve toda mão de obra excedente; o retreinamento é um embuste; o desemprego é o problema essencial a ser resolvido pelos povos na atualidade, ou seja, é preciso encontrar formas sadias de utilização do tempo livre dos homens.

Não obstante esta nossa identificação, discordamos da sua terapêutica. Achemos que a saída não é simplesmente o terceiro setor. Acreditamos que a questão fundamental é o controle social das riquezas produzidas, seja pelo Estado ou pelo setor privado. Para nós, esta "anarquia" é fruto da apropriação privada, de forma desmedida, do produzido socialmente. A partir do momento em que a sociedade e em particular os trabalhadores, exerce o controle sobre os dividendos, direcionando-os de forma democrática, teremos abertas novas possibilidades de um mundo com menos trabalho, e mais fartura para todos.